



Paulo Honório e o espaço social

Paulo Honório and the social space

*Anna Carolina Botelho Takeda**

* Universidade de São Paulo (USP)

Resumo: Analiso neste trabalho a composição da personagem Paulo Honório, do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, publicado em 1934, à luz do conceito de *habitus*, do sociólogo Pierre Bourdieu, enfatizando na análise as agruras vividas na transição de classe social pela qual passa na narrativa. Começo entendendo que as contradições do protagonista são, em grande medida, decorrentes deste deslocamento de classe social proporcionado pelo acúmulo de capital. Para bem provar essa hipótese e analisar a linguagem como *status* social, considero adequada a teoria de Pierre Bourdieu, uma vez que busca compreender as relações sociais por meio de um poder simbólico.

Palavras-chave: *São Bernardo*. *Habitus*. Linguagem. Classe social.

Abstract: This study aims to analyse the character composition of Paulo Honório in the Graciliano Ramos's novel *São Bernardo*, written in 1934, enlightened by Pierre Bourdieu's concept of *habitus*, highlighting the character's troubles during his social class transition within the narrative. First I consider that the contradictions of the protagonist are largely a result of a social displacement caused by capital accumulation. In order to prove this theory it is considered Pierre Bourdieu's theory of symbolic capital, aiming to understand the social relations by means of symbolic power that impregnates society, sometimes in a recognizable way, other times beyond recognition.

Keywords: *São Bernardo*. *Habitus*. Language. Social class.

Introdução

Como bem definiu Antonio Candido, Graciliano Ramos é escritor de “caso individual”, atento para o “ângulo do indivíduo singular”. Nos seus romances percebe-se a centralidade da personagem, cuja visão de mundo determina a ação. Para ele, o escritor alagoano está atento à condição prévia do homem, o seu interesse decorre do interesse pelo próximo e, no fundo, por si mesmo (CANDIDO, 1992, 23).

O romance conta a história de Paulo Honório, um homem pobre que acumula fortuna e tenta obter poder e um lugar na sociedade de Viçosa, cidade onde adquire a fazenda São Bernardo, porém com o casamento e o suicídio de sua esposa, acentua-se na personagem uma aguda melancolia que tece a escritura de sua narrativa. Narrado em primeira pessoa, Paulo Honório domina a ação do romance e o prisma pelo qual se entende o mesmo é o da desilusão e da clareza de uma animalização contraditória que reveste suas autodescrições e suas ações. Numa postura aparentemente nunca adotada, possível somente pela intimista atividade de escrita de um romance, a personagem apresenta sua visão de mundo, seu olhar endurecido pelo complexo de inferioridade originário da consciência da sua condição precária de existência. Parece acreditar numa premissa de bondosa essência, mas que vai sendo “acanhada” pelas condições sociais construídas no decorrer de sua ascensão social. Sofre. Identifica sua monstruosidade e busca justificá-la pela escassez passada, diminuindo-se ao observar os atributos dos que o cercam, os homens versados em letras, mas se enaltece diante dos trabalhadores ainda mais animalizados¹.

O olhar de Paulo Honório, enfatizado pelo fato de o romance ser escrito em primeira pessoa, vai se impondo, e o leitor divide com ele a percepção de baixa, sobretudo nos momentos de confissão que revelam a relação amorosa com Madalena e o arrependimento quanto aos maus tratos a que a submete. Mesmo nesses momentos, impregnados de um discurso melancólico, os quais Candido chama apropriadamente de marcas das “fissuras de sensibilidade” existentes na personagem², há o embate de classes, principalmente porque é o amor que reforça a paranoia e faz Paulo Honório defrontar-se com a ausência em sua constituição do que lhe daria poderes simbólicos referentes à intelectualidade, ao sobrenome, aos trejeitos, à cultura e, principalmente, à linguagem.

¹ “[...] não é principalmente um criador de personagens, mas de situações por meio das quais se manifesta o personagem, reduzido praticamente ao narrador de cada livro e alguns apagados satélites. O vigor das suas figuras provém sobretudo da rede habilmente tecida de circunstância, valores e problemas humanos em que se enquadram, e na verdade constituem o músculo do livro” (CANDIDO, 2006, 91).

² Para Antonio Candido, o caso de Paulo Honório é dramático “porque há fissuras de sensibilidade que a vida não conseguiu tapar, e por elas penetra uma ternura engasgada e insuficiente, incompatível com a dureza em que se encouraçou” (CANDIDO, 2006, 23).

1 Origem, titulação e deslocamento. Uma dor

Para Pierre Bourdieu, a percepção e a apreciação dos homens se organizam por taxonomias impostas, que são criadas politicamente como distinções referentes à divisão do trabalho, estabelecendo-se e firmando-se pelo discurso ideológico dos detentores do poder econômico que as criam. As categorias de classificação são instrumentos que mascaram as reais estruturas sociais servindo como sustentáculo para a manutenção da ordem dividida em classes. A partir disso, define o conceito de *capital cultural* que é um dos poderes simbólicos determinado por uma série de gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas etc. – *habitus*³ –, ou seja, “conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital” (BOURDIEU, 2007, 61), que se encontram incorporados principalmente de forma estrutural e simbólica, contribuindo para a definição da posição desse indivíduo no espaço social.

Um das distinções criadas para o firmamento da hierarquia social, ou seja, para a agregação de capital simbólico, são as nomeações e titulações como fortalecimento e preservação do poder em que os títulos judicialmente garantidos são fundamentais para assegurar a ordem, pois legitimam as posições de dirigentes ocupadas por aqueles que as detêm. Eles devem ser não somente aceitos de modo “universal”, mas também ter um reconhecimento legal. Para Bourdieu, “o título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal” (BOURDIEU, 2006, 149) que tem garantias dissociadas do trabalho, ou seja, é uma “instituição” por si mesmo. Os detentores desses títulos tendem a formar grupos e produzir organizações permanentes, fortalecendo-se, assim, todo um sistema de classificação social derivado dos *habitus*.

É por meio desse novo prisma aberto por Bourdieu que analiso o protagonista Paulo Honório. A sua ambição avassaladora parece ser decorrente de um sentimento de revanche à miséria vivida na mocidade e afirmação de si como sujeito diante de um outro que desconhece, pois julga, inicialmente, que somente o capital econômico pode sanar uma espécie de vulgaridade da alma ou ausência de capital simbólico que os tempos áridos incutiram.

³ “[...] o todo social não se opõe ao indivíduo. Ele está presente em cada um de nós, sob a forma do *habitus*, que se implanta e se impõe a cada um de nós através da educação, da linguagem...Tudo que somos é produto da incorporação da totalidade” (BOURDIEU, 2002, 33).

Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante. Como lhes disse, fui guia de cego, vendedor de doce e trabalhador alugado. Estou convencido de que nenhum desses ofícios me daria os recursos intelectuais necessários para engendrar narrativa. Magra, de acordo, mas em momentos de otimismo suponho que há nela pedaços melhores que a literatura de Gondim. Sou, pois, superior a mestre Caetano e a outros semelhantes. Considerando, porém, que os enfeites do meu espírito se reduzem a farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal cosidos, devo confessar que a superioridade que me envaidece é bem mesquinha (RAMOS, 2009, 186).

O protagonista de *São Bernardo* não possui títulos, tampouco família e, sobre a data de seu nascimento, ronda uma incerteza. Logo nas primeiras páginas do livro decide narrar suas raízes, intercalando momentos de frieza e satisfação pela pobreza originária, com momentos de desconforto que confirmam certa vontade de esconder as características que o diminuem.

Ele conta que em sua certidão não há filiação, mas logo em seguida justifica que os pais tiveram motivos e expõe certa indiferença a tal fato. No entanto, logo após, ao explicar ao leitor que é fundador de uma família, deixa transparecer o seu desconforto⁴. “Sou, pois, o iniciador de uma família, o que, se por um lado, me causa alguma decepção, por outro lado me livra da maçada de suportar parentes pobres [...]” (RAMOS, 2009, 16). Na mesma sequência de fatos narra a situação precária do trabalho realizado – “Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço” (RAMOS, 2009, 16) e em seguida o modo como aprende a ler – “Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinha e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes” (RAMOS, 2009, 16).

Essas passagens revelam que Paulo Honório não possui atributos que lhe garantam posição social ou *status*. O que lhe asseguraria estima social seria para Bourdieu, *grosso modo*, três formas de poder: capital cultural, capital social e capital econômico. A legitimação de sua estirpe, pertencimento a uma boa família, lhe renderia um sobrenome, que para o sociólogo é uma das formas de reconhecimento; mas, no seu caso, a situação é ainda mais dramática, porque nem ao menos os nomes dos pais lhe são conhecidos.

⁴ “Os romances de Graciliano em primeira pessoa não se fundam sobre a evidência de um sujeito pleno, mas se abrem a um espaço de perquirição mais vasto, que não se situa apenas no âmbito de uma possível interioridade reconstituída. O texto postula-se não como termo final onde se decide a totalidade e unicidade do indivíduo, mas como interrogação, deixada em aberto na sua disparidade e indefinição” (MIRANDA, 1992, 85).

Os pequenos trabalhos não trazem *status*, ao contrário, Graciliano ressalta a humilhação enfrentada por Paulo Honório devido ao grande número de horas trabalhadas na realização de atividades estritamente manuais. A leitura, forma de conhecimento que legitima o poder, foi aprendida na cadeia com uma bíblia, mostrando a falta de nobreza do seu processo de alfabetização.

Compondo este quadro, Graciliano parece querer ressaltar a antiga insignificância social do protagonista, construindo fortes oposições entre passado e presente, que colaboram para o acirramento de suas contradições, as quais fazem aflorar as confissões mais doloridas da narrativa, pois Paulo Honório a partir do convívio com pessoas de uma classe social superior, ou com maior prestígio social, toma consciência de sua inferioridade. Gondim, Nogueira, Magalhães, até mesmo Padilha e principalmente Madalena trazem incorporadas qualidades que ele não possui, ou seja, uma formação intelectual e uma série de modos e maneiras que, comparadas às suas, levam-no a construir uma ideia amesquinhada de si.

Um dos fatores que mais incomodam Paulo Honório, sendo assunto de muitos trechos do romance, é a titulação dos sujeitos que frequentam sua casa, demonstrando por ela certa admiração raivosa, justificando ser as atividades manuais e práticas superiores àquelas realizadas de forma abstrata. Essa postura crítica em relação aos homens mais instruídos se acirra com o surgimento do amor. Madalena será a causa dos acentuados rancores em relação à autoimagem, porque o amor leva-o a comparar-se a ela e aos homens que a cercam, de maneira que um ciúme desmedido nasce da insegurança de não estar socialmente a sua altura e julga, assim como acaba revelando, aqueles que possuem modos e títulos, seres mais compatíveis com sua esposa.

Com o decorrer da narrativa percebe-se que a consciência do seu embrutecimento vai se instalando e a imagem construída para o leitor vai deformando-se. Essa transformação fica evidente quando se coloca diante de Nogueira, bacharel de finos hábitos que no início da narrativa é apresentado com certa impassibilidade. “Eu tratava-o por doutor: não poderia tratá-lo com familiaridade. Julgava-me superior a ele, embora possuindo menos ciência e menos manha. Até certo ponto parecia-me que as habilidades dele mereciam desprezo. Mas eram úteis – e havia entre nós muita consideração”.

Neste excerto há equilíbrio entre os atributos de ambos, sendo a descrição de Nogueira feita pelo narrador ainda ponderada. Paulo Honório, descrente das ciências e manhas de Nogueira, coloca-se em pé de igualdade com ele, ressaltando que as diferenças nas formações não justificavam a superioridade do bacharel. Já num segundo momento da narrativa, após o casamento com Madalena, quando este se aproxima da mulher, o jogo parece começar a se inverter. Desconfia-se da segurança do protagonista, pois há desespero decorrente do ciúme. “Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa

benfeita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura”(RAMOS, 2009, 155). Num terceiro momento, de descontrole completo, e clareza quanto à inteligência de Madalena, afirma:

Madalena, propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava-se da religião, lia os telegramas estrangeiros.

E eu me retraía, murchava.

Requebrando-se para o Nogueira, ao pé da janela, sorrindo! [...] Quem se remexer para Nogueira estrepa-se. Bom advogado, negócios direitos, sim sim, não não; [...] Antes da minha cabeçada, eles se entendiam. Talvez namorassem (RAMOS, 2009,159).

Para Bourdieu existe um “espaço social” comparável a um espaço geográfico, no qual cada lugar acolhe uma diferente realidade social. Para ele, o espaço está sempre ameaçado por cisões e oposições relacionadas à distância dos *habitus* de seus integrantes. Neles, o que está em jogo não são propriamente as diferenças econômicas, mas distinções simbólicas que revelam a maneira de usufruir dos bens materiais, às quais chama o sociólogo de “consumo simbólico”.

A educação é um capital cultural e um dos atributos primeiros de separação dos homens. O convívio de pessoas com graus muito distintos de escolaridade é, para o sociólogo, motivo de incompreensão, pois elas não dividem sistemas simbólicos iguais, mesmo que compartilhem de um poder econômico equivalente⁵. “Falar de um espaço social é dizer que se não pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo econômicas e culturais” (BOURDIEU, 2007, 138).

Nota-se que essa premissa é válida para o romance, já que julgo as agruras futuras do protagonista como consequência dessa consciência de não pertencimento social. Se para João Luiz Lafetá, em “O mundo à revelia”, Paulo Honório encontra-se arrasado pelos efeitos da reificação do seu entorno, penso que esta falência se dá com o nascimento da consciência das tensões de classes, porque descobre a disputa dos poderes simbólicos contra os quais é impotente.

⁵ Para Bourdieu, não levar em consideração os poderes simbólicos é um dos grandes problemas da teoria marxista. “As insuficiências da teoria marxista das classes e, sobretudo, a sua incapacidade de explicar o conjunto das diferenças objetivamente provocadas, resultam de que, ao reduzir o mundo social unicamente ao campo econômico, ela se vê obrigada a definir a posição social em referência unicamente à posição nas relações de produção econômica, ignorando com isso as posições ocupadas” (BOURDIEU, 2007, 152).

2 O amor e a clareza – recusa de si

Paulo Honório tem uma visão rígida do mundo social e percebe as taxonomias que nele são formadas. Verbaliza a recusa na participação da corrida à agregação de simbologias ostentatórias referentes à educação, julgando-as como artefatos desnecessários. No entanto, nas entrelinhas há desejo de pertencimento, pois dirige grande atenção aos atributos simbólicos que revestem os homens. As adjetivações que constrói para definir aqueles que estão no seu convívio mais direto, carregam de forma saliente marcas de percepções classificatórias que os distinguem, sendo dignos de maior consideração os possuidores de maior capital cultural, os quais, ao mesmo tempo, são ameaças a sua posição social.

Paulo Honório distingue os homens que o avizinham por suas titulações – bacharéis, doutores, jornalistas, professores e juízes – Nogueira é, na maioria das vezes, Dr. Nogueira. Madalena é, inicialmente, “A Professora de Escola Normal”, não possui nome, e é referida por meio do seu título ou apelidos, como “bibelô”, “professorinhas de escola normal fabricadas a dúzias” ou “boneca de escola normal”. Ridiculariza-os, narra em tom irônico as considerações relacionadas à educação. *A priori*, o leitor é levado a acreditar na seriedade dessa pseudoindiferença decorrente do tom sarcástico dos comentários. Contudo, com as raivosas adjetivações atribuídas às personagens, percebe-se um incômodo gerado pela impotência da agregação de tais capitais simbólicos. Fica evidente o seu pertencimento a um espaço social cujos *habitus* não são compatíveis aos daqueles do espaço social dominante ou, pelo menos, que não carregam características similares. Sofre.

No começo da narrativa, o protagonista vê a escola somente como mais uma forma de agregar capital, mas de ordem material, não apresentando nenhum interesse em formar os trabalhadores da fazenda para obter *status* em relação ao nível de formação intelectual deles; pelo contrário, ele acredita que seu conhecimento deve ser estritamente técnico, ligado à agricultura e à pecuária. “A escola seria um capital. Os alicerces da igreja eram também capital” (RAMOS, 2009, 51). Em seu relato, essa instituição parece ter-lhe uma única finalidade: ajudá-lo a ganhar considerações com o governador, que acha importante sua presença na fazenda. Ele vê a instituição escola como um capital, mas o conhecimento que ela pode transmitir e que será também um capital não é julgado como tal, pois a ideia de conhecimento como *status* social ainda não está estabelecida. A mudança será gradual e dolorida.

Surge um novo olhar para a escola e para o conhecimento institucional ao aproximar-se de Madalena. Diante do pedido de casamento, quando ela lhe informa sobre

sua pobreza, argumentando de forma contrária, Paulo Honório tenta convencê-la de que a instrução que possui é uma forma de capital e, caso aceite o pedido, o lucro será dele. Com esse procedimento, Madalena transforma-se num capital rentável, assimilável a um título de nobreza que se adquire pelo casamento, não concernente à origem familiar, mas sim à escolaridade. O conhecimento é reificado, entretanto, o protagonista passa a declarar-lhe abertamente certo respeito, postura não adotada antes. Posteriormente, nota-se que vai entendê-lo como possibilidade de humanização.

– O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende?

Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu (RAMOS, 2009, 102).

A ideia que faz da instrução escolar e a inclinação às letras vai mudando de acordo com a insanidade gerada pelo ciúme desmedido, sendo elas necessárias e importantes nos momentos de lucidez, inúteis e vulgares nos momentos de descontrole. A partir do capítulo XXIV o ciúme se instala e as confissões das dores se acirram, aumentando consequentemente as adjetivações pejorativas em relação à escolaridade dos frequentadores de São Bernardo. Paulo Honório se vê sozinho em sua própria casa, pois parece não acompanhar as conversas que por ali se instalam. No excerto abaixo, ele revela não se adequar às conversações de dona Glória, Padilha, seu Ribeiro e Madalena. Essas personagens, segundo descrições apresentadas em outros trechos da narrativa, demonstram características que o incomodam e são relacionadas ao conhecimento. A senhora era leitora voraz de romances⁶; Padilha, o filho do antigo proprietário de São Bernardo, versado em letras; Seu Ribeiro, ancião patriarca que “queimava as pestanas sobre livros que encerravam palavras misteriosas de pronúncia difícil”; Madalena, a mulher que escrevia artigos – “Depois a colaboração no jornal do Gondim. Continuava a colaborar. Pouco, mas continuava”.

Com o ciúme, Paulo Honório vai julgando os possuidores de tais características cada vez mais perigosos, o que lhe desperta grande desconfiança e o leva gradualmente ao

⁶ “Compreendo perfeitamente essas mudanças. Fui trabalhador alugado e sei que de ordinário a gente miúda emprega as horas de folga depreciando os que são mais graúdos. Ora, as horas de folga de d. Glória eram quase todas./ Dormia, almoçava, jantava, ceava, lia romances à sombra das laranjeiras [...] (RAMOS, 2009, 131).

afastamento. Esta postura revela que o incômodo, na verdade, é consigo mesmo, com a percepção de sua incultura e a impossibilidade de travar diálogo. Avivados estes sentimentos, sente raiva da escola e de todo o conhecimento que ela proporciona. Sofre.

Puxei cadeira e sentei-me longe deles. Era possível que a palestra não me interessasse, mas suspeitei que estivessem falando mal de mim. Provavelmente. [...] E Madalena escutando Padilha. O Padilha, que tinha uma lama baixa, na opinião dela. Para o inferno. Tão bom era um com o outro. Entretidos, animados. Conspiração. Talvez não fosse nada. Mas quem, como eu, andava com a pulga atrás da orelha! Aborrecia.

[...]

Levantei-me, encostei-me à balastrada e comecei a encher o cachimbo, voltando-me para fora, que no interior da minha casa tudo era desagradável.

No fim do pátio um moleque passou, com um bodoque na mão. Estava ali para que servia a escola. Vadiando, matando passarinhos, num dia de descanso, bom para soletrar cartilha e riscar papel.

Seis contos de tábuas, mapas, quadro e outros enfeites. Seis contos! (RAMOS, 2009, 142)

Neste mesmo capítulo, em contraposição aos letrados, tem-se a presença de Casimiro Lopes, por quem Paulo Honório demonstra grande estima. O empregado é descrito como alguém cuja capacidade de compreensão e decisão são quase nulas, o que o faz compará-lo aos fiéis animais domésticos. Rebaixa-o, mas tenta justificar a sua animalização com adjetivos de grandeza. Nas entrelinhas da descrição observa-se que vê muito do jagunço em si, já que, no final, conclui que Casimiro era o único com quem conseguia estabelecer relação⁷.

Casimiro Lopes veio sentar-se num degrau da calçada. Picando fumo com a faca de ponta e preparando o cigarro de palha, deitava os olhos de cão ao prado, ao açude, à igreja, às plantações. Pobre Casimiro

⁷ Interessante frisar que em momentos de uma espécie de delírio que invade Paulo Honório, sua imagem se mistura à de Casimiro Lopes: “Ela não tinha chamado assassino a Casimiro Lopes, mas a mim. Naquele momento, porém, não vi nas minhas ideias nenhuma incoerência. E não me espantaria se me afirmassem que eu e Casimiro Lopes éramos uma pessoa só” (RAMOS, 2009, 168).

Lopes. Ia-me esquecendo dele. Calado, fiel, pau para toda a obra, era a única pessoa que me compreendia (RAMOS, 2009, 144).

3 A escrita. Uma revanche?

Se existe uma dor transbordante em Paulo Honório relacionada à morte de Madalena e ao arrependimento que isso lhe causa, coloco na mesma medida a dor sentida pela ausência da linguagem. Todos que lhe despertam repulsa, que será acentuada pelo ciúme, têm em comum o domínio das letras e certa habilidade com a língua que julga lhe faltar.

Para Bourdieu, “os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumento de conhecimento e comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social” (BOURDIEU, 2007, 10). Por meio dos símbolos se formam as percepções de mundo, que são reproduções objetivas do mundo social. Essas percepções humanas são determinadas pelas simbologias, ou seja, construídas a partir de um espaço social que possui estruturas simbólicas diversas, que acabam definindo as percepções com as quais os homens compreendem o mundo.

No começo da narrativa, Paulo Honório reconstrói o seu espaço social, ou seja, cria condições materiais para transpor um antigo *habitus*. Restaura a fazenda, enriquece, estabelece relações políticas significativas, cria círculo de amigos importantes (para Bourdieu, o círculo de amigos que trazem poder simbólico é chamado de capital social), financia uma coluna de jornal que lhe rende considerações por ressaltar os seus bons feitos, casa-se com uma professora e constitui-se como coronel. Enfim, agindo de modo desenfreado para a afirmação como patriarca local, tenta acumular poder material e simbólico, pois apresenta tamanha lucidez quanto às formas de poder que define diferentes vias para concretizá-lo.

Ele se reconhece como homem forte e imponente capaz de crueldades para impor o seu poder. Acredita ser sua constituição física um dos meios para isso⁸: “A idade, o peso, as sobrancelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor” (RAMOS,

⁸ “Não há dúvida de que os julgamentos que pretendem aplicar-se à pessoa em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o *corpo socialmente tratado* (com a roupa, os adereços, a cosmética e principalmente as maneiras e a conduta) que é percebido através das taxonomias socialmente constituídas [...] O *hexis corporal* é suporte principal de um julgamento de classe que se ignora como tal [...]” (BOURDIEU, 1998, 193).

2009, 15). No entanto, quando se refere ao domínio da linguagem, essa imponência vai se desfazendo e a estima cede lugar à fragilidade.

Mesmo com o poderio material firmado, Paulo Honório demonstra falta de recursos para disfarçar alguns *habitus* de sua origem. As percepções de mundo continuam sendo aquelas construídas no ambiente miserável e por elas tenta entender os novos modos sociais. O espaço social de Paulo Honório não é o dos grandes coronéis, invade-o pela acumulação de capital e pelo uso de violência⁹. Nos relatos, não revela envergonhar-se da origem social; porém, na incompreensão das palavras que surgem, sente-se vil e indigno.

Trava uma luta com a linguagem e faz sofrer pela intransigência aqueles que a dominam. Madalena é o seu alvo primeiro e repudia o seu letramento. No começo da narrativa, deixa evidente que um dos empecilhos do convívio são as diferentes “sintaxes”, mas há em Paulo Honório ainda uma generosidade e disposição para as tentativas. “Tive, durante uma semana, o cuidado de procurar afinar a minha sintaxe pela dela, mas não consegui evitar numerosos solecismos. Mudei de rumo” (RAMOS, 2009, 110).

O questionamento do uso das palavras vai tomando tamanha proporção na vida do fazendeiro que suponho serem elas a causa do ciúme, e não os reais atos de Madalena, como Paulo Honório vislumbra. “Madalena procurava convencê-lo, mas não percebi o que dizia. De repente invadiu-me uma espécie de desconfiança” (RAMOS, 2009, 153) / “Eu tinha razão para confiar em semelhante mulher? Mulher intelectual” (RAMOS, 2009, 160). Abaixo, seguem algumas passagens que revelam esse sofrimento:

Para quê, realmente? O que eu dizia era simples, direto, e procurava de balde em minha mulher concisão e clareza. Usar aquele vocabulário, vasto, cheio de ciladas, não me seria possível. E se ela tentasse empregar a minha linguagem resumida, matuta, as expressões mais inofensivas e concretas eram para mim semelhantes às cobras: faziam voltas, picavam e tinham significação venenosa (RAMOS, 2009, 182).

– Em que estará pensando aquela burra [Madalena]? Escrevendo. Que estupidez!” (RAMOS, 2009, 184).

⁹ Na visita a Mendonça se estabelece um jogo de poder que não causa desconforto em Paulo Honório, pelo contrário, faz do que seria sua fraqueza para a sociedade suas origens; assim, o trabalho braçal se torna um modo de orgulho. “Faz tempo. Fui morador do velho Salustiano. Arrastei a enxada, no eito. / As moças acanharam-se, mas o pai achou que eu procedia com honestidade revelando francamente a minha origem / Depois queixou-se dos vizinhos (nenhum se dava com ele)/ - Há por aí umas pestes que principiaram como o senhor e arrotam importância. Trabalhar não é desonra. Mas se eu tivesse nascido na poeira, por que havia de negar? / Tentou envergonhar-me (RAMOS, 2009, 36).

Defronte do escritório descobri no chão uma folha de prosa, [...] pela bonita letra redonda de Madalena. Francamente, não entendi. Encontrei diversas palavras desconhecidas, outras conhecidas de vista, e a disposição delas, terrivelmente atrapalhadas, muito me dificultava a compreensão. Talvez aquilo fosse bem feito, pois minha mulher sabia gramática por baixo da água e era fecunda em riscos e entrelinhas, mas estavam riscados períodos curtos, e em vão tentei justificar as emendas.

– Ocultar com artifício o que deve ser evidente! (RAMOS, 2009, 185).

Após o suicídio de Madalena, Paulo Honório começa a escrever a narrativa, confessa que não conheceu a mulher por completo e responsabiliza a “vida agreste” por sua “alma agreste”. Interpreta-se esta expressão “alma agreste” como clareza da escassez de linguagem que o animaliza. Para Mikhail Bakhtin, “a palavra se apresenta como o fundamento, a base da vida interior. A exclusão da palavra reduziria o psiquismo a quase nada [...]” (BAKHTIN, 2012, 53). Sem as palavras, o fazendeiro não passa de um bicho, assim como confessa e constrói, no final da narrativa, a sua imagem assemelhada com a de um lobisomem ou mesmo à de Casimiro Lopes, a quem julga animal doméstico. – “Não compreende nada, exprime-se mal e é crédulo como um selvagem” (RAMOS, 2009, 161).

De forma dialética observa-se a animalização de Paulo Honório. Quando descreve-se bicho, o leitor é induzido a vê-lo humano, pois a ideia de animalização nasce somente porque ganha humanidade no reconhecimento da importância da linguagem. Se antes via a mesma como capital cultural, artifícios desnecessários, com o decorrer da narrativa vai entendendo que a linguagem é instrumento intrínseco à condição humana. Essa consciência estabelecida pode ser o que o leva a escrever a narrativa, pois, por meio dela, tenta tanto um caminho de revanche, como de reconciliação ao percurso mesquinho e reificado escolhido pra si.

Considerações finais

Comovente, a narrativa nasce de uma dor decorrente da impotência da comunicação. Paulo Honório precisa fazer o que não consegue durante toda a vida, elaborar um discurso que o leve à compreensão de si. Na corrida para o estabelecimento como grande proprietário e coronel da região de Viçosa, perde-se no amesquinamento da própria humanidade, pois um sentimento de inversão do jogo social impera e leva-o a pensar somente na consolidação do poder material. No trajeto, desconsidera qualquer forma de

ternura, mas é avassalado por um amor que vai crescendo na mesma medida da consciência de sua inumanidade.

O protagonista desperta clareza quanto às escalas sociais e às barreiras existentes entre os seus diferentes estratos, mas cria estratégias para rompê-los. Esses rompimentos acontecem frequentemente de forma violenta, já que os revestimentos que as compõem encontram-se empedrados pela rigidez da sociedade patriarcal. Na confissão que dá origem ao livro, entretanto, não há grandes explicações sobre os motivos que o levam a adotar tal postura, mas, nas entrelinhas das ações, nasce a possibilidade de entendê-la como necessidade de vencer uma inferioridade de classe. Obtém os recursos materiais, mas faltam-lhe os capitais simbólicos, os *habitus* dessa nova classe que atinge.

Surge o sofrimento e Madalena, em acentuada medida, acaba sendo o elemento propulsor, pois por sua aproximação da mulher as observações relacionadas à disputa de classe se fortalecem e o parâmetro para essa clareza é o manejo com a linguagem. Por fim, Paulo Honório julga-se impotente diante da mulher e daqueles que formam seu novo ciclo de amigos, pois não consegue entender a linguagem que empregam. Sofre e começa a sentir ciúme, este que mais parece ser uma transformação da humilhação sentida pela incompreensão, do que desconfiança da mulher. O que o leva a loucura é, de fato, o desconhecimento do mundo que o cerca, porque suas percepções são construídas por meio de outras categorias sociais. Conviver com Madalena é deparar-se com possíveis características de uma origem social que não lhe abandonará. O sofrimento é inevitável, principalmente para quem, como ele, constrói diversas estratégias em busca de ascensão social e respeitabilidade.

A escrita de *São Bernardo* pode ter duas explicações: a consciência da linguagem como instrumento de humanização e, por isso, tentativa de escrever como busca de uma certa redenção; ou a escrita como exercício para alcançar mais um poder, desta vez, o poder simbólico que é em grande medida conquistado pelo refinamento e domínio da linguagem. Diante da totalidade da literatura de Graciliano Ramos, as motivações de Paulo Honório estão ligadas às duas justificativas, principalmente porque não se pode esquecer das contradições que revestem suas personagens, e Paulo Honório em particular.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

- _____. *Escritos de educação*, Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaio sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. *Tese e antítese: Ensaio sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- GARBUGLIO, J. C.; BOSI, A.; FACIOLI, V.A (Org.). *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.
- LAFETÁ, João Luiz. O mundo a revelia. In: Graciliano Ramos. *São Bernardo*. 59. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- LÖWY, Michael; NAÏR, Sami. *Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*, São Paulo: Edusp, 1992.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *Informare*, v. 1, n. 2, p. 24-36. Rio de Janeiro: Cad. Prog. Pós-Grad. 1995.

ANNA CAROLINA BOTELHO TAKEDA

Doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre pela Université de Sorbonne Nouvelle. E-mail: annacbt@hotmail.com.